

NOVA HISTÓRIA  
DO ESPIRITISMO

© 2010 – Conhecimento Editorial Ltda

# Nova História do Espiritismo

Dos precursores de Allan Kardec até Chico Xavier  
Dalmo Duque dos Santos

Todos os direitos desta edição  
reservados à  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.  
Caixa Postal 404  
CEP 13480-970 – Limeira – SP  
Fone/Fax: 19 34510143  
www.edconhecimento.com.br  
conhecimento@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais,  
é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer  
forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico,  
inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de  
gravação – sem permissão, por escrito, do Editor.

Ilustração da Capa: Banco de imagens  
Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho  
Revisão: Mariléa de Castro

ISBN 85-7618-212-2 – 1ª Edição – 2010

• Impresso no Brasil • Presita em Brazilo

Produzido no departamento gráfico de  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA  
Fone: 19 3451-5440  
e-mail: conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Santos, Dalmo Duque dos  
Nova História do Espiritismo / Dalmo Duque dos  
Santos – Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2010.

ISBN 978-85-7618-212-2

1. Espiritismo 2. História I. Título

10-10233 CDD – 133.909

Índices para catálogo sistemático:  
1. : Espiritismo : 133.91

Dalmo Duque dos Santos

# NOVA HISTÓRIA DO ESPIRITISMO

Dos precursores de Allan Kardec até Chico Xavier

1ª edição  
2010





# Sumário

<b>Introdução</b> .....	7
Construindo uma história espírita	
<b>Livro I — O encontro dos mundos</b> .....	11
• A tradição e o dogma • O tráfico e a traição • O investigador • Mesas que giram e falam • As inteligências do Além • O medo da morte • A iniciação e o erro • Cinco encontros “casuais” • Zéphyr e a evocação de Sócrates • Contra o totalitarismo • Apóstolos da idéia • A fúria do clero • O Auto-de-fé na Espanha • A maçonaria e o socialismo • As pedras vão falar • Mudanças à vista • O perigo da clericalização • Evangélicos e protestantes.	
<b>Livro II — Um século perigoso</b> .....	111
• A capital do século XIX • Uma época de desencanto • Deus e o super-homem • O declínio da Igreja • O espiritismo banido da História.	
<b>Livro III — A razão e a Bíblia</b> .....	167
• A Palavra de Deus • O terceiro testamento • Os vivos e os mortos • O Espírito Verdade • A identidade do espírito • Espiritismo e esoterismo • O pentateuco kardequiano • A base doutrinária: <i>O Livro dos Espíritos</i> • A prova científica: <i>O Livro dos Médiuns</i> • A moral: <i>O Evangelho Segundo o Espiritismo</i> • A justiça divina: <i>O Céu e o Inferno</i> • As origens e o destino: <i>A Gênese</i> • A pluralidade de mundos • O espiritismo e heresia • A vinha e a essência • Seis gerações.	

<b>Livro IV — O movimento espírita.....</b>	<b>239</b>
• Os seis períodos do espiritismo • A <i>Revue Spirite</i> • A Sociedade Espírita de Paris • Quem eram os espíritas • Da França ao Brasil • A falange de Benoît-Jules Mure • João do Rio e a Federação • Semelhanças e diferenças • Kardec “espírito” se comunica • Os puros e os impuros • O problema do sectarismo • Quem somos? Para onde vamos?	
<b>Livro V — O espiritismo e o futuro da humanidade.....</b>	<b>341</b>
• A mente versus o cérebro • O meio e a mensagem • O triunfo de Tomé • A fé raciocinada • A busca da verdade • O reconstrutor da fé • Imagens e palavras • Católicos, protestantes e espíritas • O espiritismo e o futuro da humanidade • A educação social espírita • Espiritismo e a pós-modernidade • Em busca de Kardec educador • Ainda a educação espírita • A degeneração do espiritismo • Consolador em todos os aspectos • Atualizar ou atualizar-se?	
<b>Livro VI — Os apóstolos do Cruzeiro.....</b>	<b>421</b>
• O apóstolo de Sacramento • O bandeirante do espiritismo • O médico dos pobres • O guia Ismael e a trindade “Deus, Cristo e Caridade” • Yvone e o anjo guerreiro • Anália Emília Franco.	
<b>Livro VII — A era Chico Xavier.....</b>	<b>469</b>
• Nos tempos do comandante • A revolução andragógica • Existe uma pedagogia espírita? • Armond e a revolução assistencial • O ideal de fraternidade • Da FEESP à Aliança • O ideal de unificação • As controvérsias doutrinárias • O apóstolo de Uberaba.	
<b>Cronologia e contexto.....</b>	<b>568</b>
Os principais acontecimentos, de 1733, com o nascimento do magnetizador Franz Anton Mesmer, até 1869, com o desencarne de Allan Kardec; e de 1870, com a guerra Franco-Prussiana, até ano 2000, com o desencarne do médium Francisco Cândido Xavier.	

## Introdução

### Construindo uma história espírita

Escrever uma história do espiritismo implica remover alguns obstáculos que estão além da capacidade de síntese e conhecimento dos principais fatos da memória do movimento espírita.

Quando Allan Kardec publicou o texto “O que deve ser a história do espiritismo”, ele nem imaginava que, ao invés de contribuir para o estabelecimento de diretrizes historiográficas, o seu inesquecível artigo da *Revista Espírita* causaria no futuro, entre os intelectuais espíritas, um enorme receio quanto à responsabilidade de assumir essa tarefa. Desencarnado, continuou tendo a mesma opinião acerca desses critérios, segundo indica o conteúdo da mensagem mediúnica inserida em *Obras Póstumas* por P. G. Leymarie, como complemento do texto “Os desertores”.

Por que tanto receio? É simples: a historiografia é essencialmente ideológica e isso faz com que todos os trabalhos sejam suspeitos quanto à imagem tradicional e idealizada de neutralidade científica que deve ter o historiador. E aqueles que se dispõem a produzir tal conhecimento acabam tornando-se referências e paradigmas, seja como modelos ou como alvos de críticas, ainda que de natureza filosófica.

Conan Doyle, por exemplo, procurou ser imparcial e concentrou-se no aspecto fenomenal, a fase primitiva do movimento, colocando Kardec e a filosofia espírita num segundo plano. Não cometeu nenhum erro, mas simplesmente seguiu uma tendência de sua época, bastante atingida pelo ceticismo e pelo et-

nocentrismo cultural europeu e britânico. Seu grande mérito foi o pioneirismo e até hoje, após 80 anos, sua obra continua sendo uma grande referência, como foi anotado por seu tradutor, Júlio Abreu filho:

Pode-se dizer que é a única *História do Espiritismo* surgida até agora. Fora dela o que apareceu até aqui não passa de estudo limitado no tempo e no espaço e que de forma alguma pode emparelhar-se com o presente volume, onde, além da história descritiva, se encontra, realmente, muito da filosofia da história do espiritismo.

Canuto Abreu produziu textos interessantíssimos sobre as raízes da doutrina e do codificador e, a partir disso, gerou-se uma grande expectativa sobre suas descobertas documentais, realizadas antes da II Grande Guerra, na sua famosa visita à *Maison des Spirites*. Da propaganda da sua vasta pesquisa permaneceu no ar a curiosidade pelas revelações históricas e a promessa de uma síntese. Seu trabalho biográfico sobre Bezerra de Menezes tinha, na verdade, a clara intenção de contar a história do movimento espírita brasileiro, mas recebeu dele mesmo apenas o tímido *status* de “subsídios”.

J. Herculano Pires – outra grande esperança – vasculhou quase tudo a respeito da doutrina, a ponto de ser definido pelo espírito Emmanuel como “o melhor metro que mediou Kardec”. Sua introdução histórica em *O Espírito e o Tempo* e *Curso Dinâmico de Espiritismo*, bem como outros inúmeros textos sobre o assunto, embora de grande valor referencial, permanecem soltos e dispersos, carentes de uma unidade. Ele tinha condições intelectuais de sobra para realizar essa empreitada, mas receava, possivelmente, por não se considerar um “especialista”, estar se precipitando no tempo e ser mal interpretado pelos próprios companheiros de ideal.

Também as inúmeras biografias e cronologias sobre os grandes vultos e acontecimentos espíritas, igualmente valiosas como fontes, não conseguiram preencher essa lacuna. São reportagens curiosas, ricas em fatos, porém falta nelas a literatura do especialista, o texto do autêntico historiador, do “métier”, conhecedor do ambiente acadêmico e iniciado no espírito da “filosofia da história”. São essas marcas que geralmente encontramos nas grandes obras do gênero e nas múltiplas tendências da historiografia, porém ainda ausentes na produção espírita.



Allan Kardec, pela sua magnífica inteligência, ampla formação cultural e também pela sua experiência na manipulação seletiva de fontes, embora não freqüentando os bancos de um curso de História, possuía forte potencial para o ofício de historiador. Mas, no caso dele, era preciso continuar sendo cauteloso, pois na sua época ainda circulava nos meios intelectuais a obra influente de Michelet e fazia grande sucesso o estilo demolidor de Ernest Renan e dos seus pares da *Alta Crítica da Bíblia*. Sem dúvida, o grande legado de Kardec permaneceu guardado nas páginas da sua *Revista Espírita*, principal fonte da memória do espiritismo.

Este tem sido o tratamento que vem sendo dado à história do espiritismo: muitas promessas, algumas tentativas, incontáveis ensaios, o medo persistente de assumir essa grande responsabilidade de satisfazer as expectativas deixadas pelo codificador e o olhar atento dos críticos e dos inimigos da Verdade.

Com certeza, não tratamos aqui de tudo o que representa o universo do espiritismo e do seu movimento social, nem conseguimos responder plenamente todas as questões que o assunto levanta. Seguindo o exemplo dos nossos antecessores, fornecemos somente mais alguns “subsídios” para entendermos as origens e os rumos que o movimento espírita vem tomando.

Tanto o leitor espírita quanto o não iniciado vão perceber que muitas informações citadas são da esfera do *conhecimento revelado*, combinado com as chamadas informações *científicas*, que são de maior facilidade de comprovação material. Não temos essa pretensão, nem tal interesse, porque muito já foi escrito e comprovado nesse setor, restando apenas o problema ideológico da aceitação pessoal ou não dos fatos. A revelação é, portanto, não somente um problema de caráter lógico, de ciência, mas também de foro íntimo e psicológico. A pesquisa histórica é uma atividade essencialmente científica, mas a historiografia vai além dos instrumentos técnicos da coleta de informações e da organização de dados; ela é a síntese do conhecimento histórico e sua elaboração ocorre sob o efeito emocional da expressão literária. A pesquisa é o meio e a historiografia é o fim; a pesquisa é a técnica e o método de acesso seguro, pelos documentos, aos portais da memória; a historiografia é a arte de narrar essas revelações do tempo passado. Não foi por outro motivo que os gregos atribuíam aos historiadores a tarefa de imortalizar os fatos, os heróis e seus atos, sob a proteção e inspiração da titã Mnemósine e da sua filha Clio.

Outra característica que o leitor vai perceber também é uma grande quantidade de citações, em todos os capítulos. São documentos<sup>1</sup> que dão melhor autenticidade aos fatos narrados e facilitam a comparação das ideias. Mesmo assim, apresentamos um texto mais objetivo e didático; e nas entrelinhas, o enfoque idealizado da doutrina como marcas pessoais do autor. Como se sabe, não existe historiografia e historiadores totalmente imparciais e neutros, daí a ênfase em alguns assuntos e personagens que falam mais alto e esta forma de entender e praticar essas ideias.

Conhecemos as virtudes da obra, que são as virtudes dos fatos e dos personagens, porém desconhecemos muitos dos seus defeitos, que certamente são os nossos. Assim, as opiniões e críticas serão sempre contribuições enriquecedoras, mesmo porque este trabalho continuará sempre em processo de construção, como a própria história do espiritismo.

## O autor

---

<sup>1</sup> Este não é um trabalho historiográfico tradicional, de estilo positivista ou marxista, cuja rigidez narrativa quase sempre se atém às fontes documentais ou à interpretação materialista e sócioeconômica dos fenômenos. Os documentos que utilizamos são na sua maioria de conhecimento revelado; mesmo assim, não perdem o seu valor, ainda que cultural e de mentalidades, para aqueles que não aceitam os princípios espíritas, sobretudo a sobrevivência e a comunicação da alma após a morte.

Livro I  
O encontro dos mundos



O caráter essencial de qualquer revelação deve ser a verdade. Revelar um segredo, é fazer conhecido um fato; se é falso, não é mais um fato e, por consequência, não há revelação. Toda revelação desmentida pelos fatos deixa de o ser; se é atribuída a Deus, Deus não podendo mentir nem enganar-se, ela não pode emanar dele; deve ser considerada como um produto da concepção humana. – **Allan Kardec**, *A Gênese*.

Em 1938 o jovem norte-americano Orson Welles, de apenas 23 anos, provocou pânico em milhares de ouvintes de um programa de rádio em Nova York ao anunciar a invasão da Terra por seres de outros planetas. A simulação foi tão realista e de tamanha repercussão que o governo dos EUA teve que rever sua política de divulgação de informações para o público. O autor da proeza, um talentoso diretor que se tornaria uma lenda do cinema em Hollywood, tinha usado uma estratégia criativa para chamar a atenção da opinião pública, usando a probabilidade do planeta vir a ser invadido por seres extraterrestres. Se houve pânico é porque a ideia de uma invasão interplanetária não seria tão absurda, embora já fosse largamente explorada pela ficção científica. Mas a ficção científica nem sempre foi sinônimo de absurdo. Quem leu Júlio Verne, e todas as gerações de escritores que o sucederam, sabe que a maioria das suas criações “imaginárias” acabou se tornando realidade.

A estratégia de Welles realmente foi muito criativa, funcionou como fenômeno de audiência e *feed-back*, mas não foi tão

inédita como geralmente é divulgada hoje. Noventa anos antes, em 1848, a população do pequeno povoado de Hydesville, próximo a Rochester, no estado de Nova York, não entrou em pânico, mas teve uma reação de espanto incomum por causa da invasão de seres de outros mundos. A notícia logo se espalhou por toda a região, tomando conta do país e do resto do planeta. Mais tarde percebeu-se que era também uma estratégia de comunicação para chamar a atenção da sociedade. Aquela ampla região já era conhecida como o Distrito Inflamado (*Burned-over District*), pela efervescência de surtos de religiosidade e ardor social, com o aparecimento de seitas, movimentos radicais e eventos sobrenaturais. Diferente dos seres anunciados por Welles, os do povoado de Hydesville não eram fictícios; não tinham aparência esdrúxula como as que o escritor H. G. Wells havia descrito na sua ficção *A Guerra dos Mundos*, da qual Orson Welles havia extraído o conteúdo assustador do seu programa radiofônico. Os seres de Hydesville eram ainda mais assustadores do que os que foram anunciados no rádio, sobretudo porque eram invisíveis aos olhos comuns; manifestavam-se através de pancadas nas paredes e se comunicavam através de toques rudimentares, *raps*, mais tarde transformados em linguagem alfabética. O fenômeno de comunicação de Orson Welles durou poucos minutos e suas conseqüências de longo prazo seriam apenas de valor estético para os aficionados em técnicas de comunicação. Já o fenômeno de Hydesville duraria semanas sucessivas e dali se espalharia, em sincronia, para outros continentes, gerando efeitos que foram muito mais além das questões técnicas e estéticas.

Os seres de Hydesville eram espíritos, seres inteligentes que estavam invadindo a Terra com a clara intenção de causar espanto e curiosidade. A estratégia deles era mexer com a imaginação popular, causar um choque no senso comum das pessoas e sacudir toda a estrutura de conhecimentos teológicos e científicos dominantes no mundo contemporâneo. Para tanto, apelaram para o impacto dos fenômenos paranormais. Novidade? Não! Isso já havia acontecido no passado em outros eventos históricos de grande repercussão como este. Em 1744, o sueco Emmanuel Swedenborg fez, em Londres, alguns relatos muito claros sobre suas experiências com o mundo invisível:

Uma noite o mundo dos espíritos, céu e inferno, se abriu para mim, e nele encontrei várias pessoas conhecidas, em

diferentes condições. Desde então o Senhor abria diariamente os olhos do meu espírito para que eu visse, em perfeito estado de vigília, o que se passava no outro mundo, e pudesse conversar, em plena consciência, com os anjos e os espíritos.

Na Alemanha, em 1829, o famoso humanista dr. Justinos Kerner já havia tornado pública suas experiências psíquicas com a célebre vidente de Prevorst, a sra Frederica Hauffe. Em 1831, na Escócia, o pastor Edward Irving registrou em sua igreja um fenômeno semelhante ao episódio bíblico do Pentecostes, no qual os adeptos falavam simultaneamente idiomas desconhecidos entre eles. Também na Alemanha, em 1840, o médium Gotlieben-Dittus chamou a atenção da imprensa para os curiosos fenômenos físicos que produzia. No Brasil os médicos homeopatas Benoît-Mure, francês, e João Vicente Martins, português, praticavam a cura com todas as características do mediunismo. Na própria França, onde tais eventos tomariam rumos filosóficos, manifestaram-se na categoria de importantes precursores os sensitivos Cagliostro e Jacques Cazzote, no final do século XVIII, Charles-Louis, médium clarividente (1839-1840), Adèle Maginot, notável sonâmbula orientada por Alfonse Cahagnet, em 1847. Na Califórnia, em 1837, um grupo de protestantes ingleses ali estabelecido, a Sociedade Unida dos Crentes no Segundo Advento do Cristo, apelidado de “shakers” (os que se agitavam numa dança coletiva), passou a ser abordado por espíritos de índios peles-vermelhas, que se manifestavam através dos próprios colonos e eram por estes “evangelizados”, num processo de intercâmbio e doutrinação que futuramente se tornaria muito comum nos centros espíritas. Esses fenômenos foram relatados em detalhes por sir Arthur Conan Doyle,<sup>1</sup> que os chamou apropriadamente de “invasão organizada”. Após sete anos consecutivos de intercâmbios, os espíritos peles-vermelhas disseram que iriam se retirar, mas que voltariam numa invasão maior, em todo o mundo. Quatro anos depois, a principal testemunha desses acontecimentos, o pastor shaker Elder Evans, soube dos fenômenos de Hydesville e para lá se dirigiu com a intenção confirmar em público a veracidade do que estava acontecendo. Doyle lembra também que outro fato curioso estabeleceu a ligação entre esses fenômenos: Andrew Jackson Davis, um conhecido médium norte-americano, em 6 de março

---

<sup>1</sup> *História do Espiritismo*. Editora Pensamento.

de 1844 foi desdobrado do corpo físico e levado às montanhas de Catskill, a quarenta milhas de distância de sua casa, e ali se encontrou com os espíritos do médico grego Galeno e de Emanuel Swedenborg. Quatro anos mais tarde escreveria uma nota profética no seu diário, em 31 de março de 1848, a mesma data dos eventos na residência da família Fox:

Esta madrugada um sopro quente passou pela minha face e ouvi uma voz suave e forte dizer: 'Irmão, um bom trabalho foi começado. Olha, surgiu uma demonstração viva!' – fiquei pensando o que queria dizer essa mensagem.

Comparando esses acontecimentos com alguns relatos do Velho e do Novo Testamento, o filósofo J. Herculano Pires<sup>2</sup> observa que esses eventos precursores possuíam uma curiosa unidade histórica e tiveram a mesma conotação dos episódios proféticos relatados na Bíblia. Nesse novo contexto Swedenborg e Irving fizeram o papel dos profetas; os espíritos peles-vermelhas, entre os shakers, e o sr. Pernetá, de Hydesville, foram os preparadores do terreno, e Andrew Jackson Davis representou o próprio João Batista, ao anunciarem a revelação da promessa de Jesus e da qual o próprio Espírito de Verdade seria o principal portador. O encontro espiritual de Davis com Galeno e Swedenborg seria uma nova versão alegórica do episódio mediúnico e simbólico ocorrido no Monte Tabor, no qual Jesus, o Messias, aparece ao lado do profeta Elias e de Moisés. Mas existiu uma diferença essencial entre os precursores e os reveladores: entre João Batista (Elias reencarnado) e Jesus (O Messias), o próprio João reconheceu que não era digno nem de amarrar as suas sandálias. Portanto, reconhecia a superioridade e a autoridade de Jesus no tocante à revelação que iria ser feita. Entre os dois ficou marcante uma diferença de postura e conduta: um era radical e provocador, tanto que causou e se envolveu num incidente no qual resgatou uma dívida cármica; o outro era humilde, pacífico e totalmente desprovido de preconceitos; seria incapaz de acusar Herodes e sua companheira de adultério, assim como João talvez fosse incapaz de aceitar a condição de Maria Madalena. Assim, Swedenborg, Davis e outros, embora precursores de ideias importantes, não tiveram uma conduta científica capaz de neutralizar qualquer suspeita de interferência pessoal nesse processo histórico, como faria Allan Kardec, recusando-se

---

2 *O Espírito e o Tempo*. Editora Pensamento.



a ser visto como autor, profeta, chefe, enfim, qualquer postura que revelasse personalismo na sua missão. Kardec apresentou-se e manteve-se o tempo todo como um simples investigador. Essa conduta seria de grande importância para garantir a universalidade dos ensinamentos dos espíritos, pois o próprio líder deles também preferiu o anonimato para realçar a importância das ideias e identificou-se como “A Verdade”.

Herculano Pires<sup>3</sup> faz uma outra curiosa analogia entre o advento do espiritismo e as revelações anteriores para explicar o jogo dialético na luta mortal entre o velho e o novo. Diz ele que a matança lendária de crianças, ordenada por Herodes, simboliza a tentativa dialética de eliminar o cristianismo ainda na sua infância, impedindo sua disseminação social. Fato semelhante aconteceu com o espiritismo, cujo massacre decretado pelo clero e pelos corifeus das academias científicas, atingiu a fragilidade mediúnica das irmãs Fox. As médiuns Caroline e Julie Baudin só não foram massacradas porque Kardec as protegeu com o anonimato, até que as obras fundamentais da Codificação tivessem vindo seguramente a público.

O ponto de partida dos espíritos foi abalar a tranqüilidade de uma pequena família de religiosos metodistas em Hydesville e disso extrair um modelo psicossocial de influência mais abrangente. O raciocínio deles era simples e também já havia sido aplicado em outros tempos, em eventos históricos do mesmo porte: os acontecimentos anteriores dariam aos novos fatos um clima assustador e impactante, mas não um aspecto irracional e aterrorizador; um pequeno núcleo familiar, que é a representação reduzida do macrocosmo da família humana universal, serve como espelho daquilo que deve ser imitado pelo exemplo. O resultado seria infalível. A partir daquela inesquecível noite de 31 de março de 1848, os pacatos Fox não seriam mais os mesmos. Suas tranquilas noites de sono seriam perturbadas insistentemente por inteligências invisíveis, que pretendiam esclarecer alguma coisa que permanecia há anos sem explicação.

Algum tempo depois a cidade de Paris, na França, o então centro cultural do mundo, passaria por uma nova febre de costumes passageiros: as pessoas se reuniam com muita euforia para se comunicar com espíritos através de pequenas mesas que levitavam, giravam e batiam no chão, sem a interferência direta dos participantes das curiosas reuniões. Todas as leis da física

<sup>3</sup> *O Grande Desconhecido - Curso Dinâmico de Espiritismo*, capítulo XX. Editora J. Herculano Pires. Juiz de Fora, 1995.

e da lógica natural estavam sendo aparentemente contrariadas.

Como em Hydesville, os seres de outro mundo que invadiram Paris e centenas de cidades do mundo também queriam chamar a atenção para diversos assuntos pendentes há séculos, no campo do conhecimento filosófico e religioso. Cidadãos sérios da sociedade parisiense, que acabaram sendo atraídos sem maiores preocupações do que apenas observar aquelas brincadeiras inofensivas, aos poucos perceberam que elas eram na verdade um meio para se atingir fins totalmente diferentes daqueles que a maioria dos brincalhões imaginavam ter.

Assim como a família Fox perdeu para sempre sua tranquilidade, passando a ver o mundo de uma forma bem diferente das demais famílias norteamericanas, a opinião pública também não seria mais a mesma após as constatações de que um grupo de pesquisadores faria sobre o significado de todos aqueles acontecimentos. As repercussões entre as pessoas foram extremamente diversificadas, de acordo com a capacidade de percepção e reação psicológica dos espectadores. Dissemos “psicológica” porque, inicialmente, a maioria reagiu de forma lógica e natural, pois os fatos eram tão evidentes quanto a própria presença física dos que estavam ali observando.

As conseqüências do contato com esses fenômenos é que transformariam as reações lógicas em reações psicológicas dos mais variados tipos e gostos. Enquanto uns se chocavam outros apenas ficavam intrigados; enquanto uns se entregavam às novas experiências outros fugiam apavorados com aquilo que não podiam conceber como fato consumado e racional. Outros tantos perceberam o que estava por trás de tudo aquilo e trataram logo de se organizarem para cuidar dos interesses que seriam inevitavelmente ameaçados. Outros ainda, com a mesma percepção, porém com intenções mais honestas, trataram de rever alguns conceitos pessoais para melhorar sua capacidade de entendimento e compreensão sobre tudo o que estava acontecendo. Surgiram também aqueles que, vendo a possibilidade de exploração de interesses menos dignos, transformariam os fenômenos em espetáculo de lucro fácil e sempre superficial. Parece que já ouvimos também essa história, em algum lugar, sobre abusos de dons naturais com a intenção de ludibriar os incautos de boa fé.

Como ficou bem claro, público e notório, essa invasão de inteligências extraterrestres não era produto do acaso, nem da imaginação de ficcionistas. Havia algo de novo no ar. Não esta-

va começando uma nova guerra, mas um verdadeiro encontro de mundos.

## A tradição e o dogma

Os teólogos cristãos da Europa Ocidental, sobretudo os católicos, estão atualmente muito preocupados com o futuro da religião. A imprensa do Ocidente noticia que, neste início do século XXI, as catedrais européias estão cada vez mais vazias de fiéis e cheias de turistas interessados em arte sacra e arquitetura gótica. As estatísticas são assustadoras nos países onde o catolicismo e o protestantismo vinham fazendo história nos últimos dois mil anos.

Mas a preocupação desses especialistas nas relações homem-Divindade, em suas diversas concepções teóricas e ritualísticas, não é bem com a religião em si, como prática puramente antropológica, e sim com a instituição religiosa na sua dimensão política e social. As pessoas estão realmente abandonando os cultos formais das igrejas, mas não estão deixando de lado a religiosidade, nem se tornando ateus. A religiosidade judaico-cristã na Europa continua estável desde o fim da 2ª Guerra Mundial, embora cada vez menos significativa do que nos séculos anteriores: apenas a metade da população acredita em Deus. Talvez no passado as pessoas fossem mais materialistas do que são hoje; só que esse fato antigamente era mascarado pela presença institucional da religião nos Estados autoritários. Hoje, um número cada vez menor de pessoas é pressionado no sentido de assumirem publicamente uma opção religiosa. Geralmente isso ainda acontece em pequenas comunidades, onde ainda existe o controle e a possibilidade de sanções morais e represálias sociais; ou então em países de religiões fundamentalistas e radicais, onde não há um reconhecimento formal da privacidade. Na Europa a grande maioria não frequenta cultos religiosos, todavia ainda mantém estreitos laços filosóficos com o cristianismo, principalmente através das manifestações culturais artísticas. Grande parte da população de ateus também se dedica à prática de valores humanistas, como a solidariedade e a caridade, típicos da ética cristã. Disso se conclui que o problema não é essencialmente religioso, mas institucional. O tempo ensinou que a vivência individual pode existir separada das instituições. Tudo indica que o sentido original da palavra igreja – espiritual e interiorizado – empregado pelos cristãos primitivos

está sendo resgatado na sua forma mais simples, desprovido de rituais e cerimônias, mas puramente de confraternização. Os sociólogos tentam dar explicações racionais sobre o problema, alegando vários motivos como a estabilidade financeira e a educação racionalista da cultura científica industrial.

O que realmente pesa nessa análise é o desinteresse pela formalidade dos rituais sacerdotais e dogmas teológicos. Esta não é também uma descoberta tão atual quanto se pensa. A História não se repete como pensam os que desconhecem suas tramas estruturais. É que os problemas que não são solucionados costumam voltar exibindo as mesmas características do passado. Em meados do século XIX a Europa estava passando por uma situação muito semelhante no campo das ideologias. Instalou-se um verdadeiro duelo de morte entre o materialismo e o espiritualismo. Os materialistas levavam uma grande vantagem, pois tinham como suporte o então poderoso braço da ciência positiva e evolucionista, e os espiritualistas só contavam com os dogmas das igrejas ou então com obscuras e confusas teorias esotéricas.

Mesmo depois de ter publicado um conjunto de cinco obras que pretendiam esclarecer em detalhes os equívocos dessa discussão extremista, e ainda muito atraído por esse debate, Allan Kardec propõe um desafio a todas as mentes que se consumiam nesse dilema. Percebendo que todas as polêmicas estavam concentradas fundamentalmente no problema da vida futura ou na sobrevivência da alma após a morte, o já conhecido filósofo francês resolveu colocar todas elas numa só tese de comparação. Era a teoria das “Cinco Alternativas da Humanidade”,<sup>4</sup> resumidas nas doutrinas mais influentes naquele contexto: o materialismo, o panteísmo, o deísmo, o dogmatismo e finalmente o espiritismo. Para cada uma delas Kardec deu uma sintética definição causal e, em seguida, as suas conseqüências. No materialismo detectou os efeitos sociais desastrosos da sua propagação, como a degeneração moral, a decadência das artes, das ciências, enfim, da civilização e sua destruição, resultante da predominância da lei do mais forte. Observando a influência materialista nas artes e sua incapacidade de vislumbrar o transcendente, Kardec comenta: “Quando nada se vê atrás nem adiante e nem acima, em que pensar senão naquilo que nos rodeia?”. Faz ainda uma curiosa observação sobre um traço co-

---

4 *Obras Póstumas*, Primeira Parte. Lake Editora.